

Nietzsche e a educação

Jorge Larrosa

A arte da leitura é rara nesta época de trabalho e de precipitação, na qual temos que acabar tudo rapidamente. Os leitores modernos já não têm tempo para esbanjar em atividades que demorem, cujos fins não se vêem com clareza, e das quais não podem colher imediatamente os resultados. Para eles, profissionais da leitura, o trato com os livros e, quando muito, um meio para escrever uma resenha ou outro livro, isto é, uma atividade na qual o que se lê é meramente apropriado em função de sua utilização apressada para a elaboração de outro produto que deverá, por sua vez, se consumir rapidamente.

A leitura é algo ao qual cada um deve se aplicar com lentidão, levando tempo, despreocupadamente, sem esperar nada em troca. Isto é, um luxo praticamente inexistente nestes tempos de bibliografias enormes e compulsivamente atualizadas, nos quais reina a superstição de que os últimos livros são os melhores e a crença de que se tem de ler quase todos. Ou, pelo menos, tem-se de saber fazer de conta de que já se os leu. Arte esta que se ensina nas escolas e que, sem dúvida alguma, domina a maioria desses funcionários do espírito que são os leitores modernos.

Além de lentidão, profundidade, abertura e delicadeza, além de conhecer o segredo de ler nas entrelinhas e de não ficar na literalidade do texto, Nietzsche exige dos que praticam a arte venerável da leitura, o saber tornarem-se silenciosos e pausados. O leitor moderno está tão crente de sua pessoa e sua cultura que se supõe a si mesmo como uma medida segura e um critério de todas as coisas. É tal sua arrogância que se sente capaz de julgar todos os livros; ele é constitutivamente incapaz de suspender o juízo, de guardar silêncio, de manter-se retirado e escutar. Em nossas escolas, incluindo as universidades, já não se ensina a estudar. O estudo, a humildade e o silêncio do estudo, é algo que nem sequer se permite. Hoje já ninguém estuda. Mas todo mundo tem que ter opiniões próprias e pessoais. Os jovens pitagóricos tinham que guardar silêncio durante cinco anos. Mas nós, leitores modernos, parecemos incapazes de permanecer calados sequer durante cinco quartos de hora.

A experiência da leitura não consiste somente em entender o significado do texto mas em vivê-lo. E é a partir deste ponto de vista que ler coloca em jogo o leitor em sua totalidade. Ler bem significa arriscar-se muito. É deixar vulnerável nossa identidade, nossa possessão de nós mesmos. nas

primeiras etapas da epilepsia apresenta-se um sonho característico. Dostoiévski fala dele. De alguma forma nos sentimos liberados de nosso próprio corpo. Ao olhar para trás, nos vemos e então sentimos um terror súbito, enlouquecedor. Outra presença se está introduzindo em nossa pessoa e não existe caminho de volta. Ao sentir tal terror a mente anseia um brusco despertar. Assim deveria ser quando tomamos em nossas mãos uma grande obra de literatura ou de filosofia. Pode chegar a nos possuir tão completamente que, durante um lapso, tenhamos medo, nos reconhecamos imperfeitamente. Quem leu *A metamorfose*, de Kafka, e possa olhar-se impávido ao espelho pode ser capaz, tecnicamente, de ler letra impressa, mas é um analfabeto no único sentido que importa.

Mas o “eu” do leitor não é outra coisa senão o resultado superficial de uma certa organização hierarquizada de forças que, em grande medida, permanece inconsciente. O que somos capazes de ler em um livro é o resultado de nossas disposições anímicas mais profundas: a finura e o caráter de nossos sentidos, nossas disposições corporais, nossas vivências passadas, nossos instintos, nosso temperamento essencial, a qualidade de nossas entranhas. Nas palavras de Nietzsche:

Em última instância, ninguém pode escutar nas coisas, incluídos os livros, mais daquilo que já sabe. Faltam-nos ouvidos para escutarmos aquilo ao qual não se tem acesso a partir da vivência. Imaginamos o caso extremo de que um livro não fale mais do que de vivências que, em sua totalidade, encontram-se situadas para além da possibilidade de uma experiência freqüente, ou, tempo, pouco freqüente - de que seja a primeira linguagem para expressar uma série nova de experiências. Neste caso, simplesmente não se ouve nada, o que produz a ilusão acústica de crer que, de onde nada se ouve, tampouco nada existe. Esta é, definitivamente, minha experiência ordinária e, caso se queira, a originalidade de minha experiência. Quem acreditou ter compreendido algo de mim, esse refez algo de mim à sua imagem 1.

É a vida em sua totalidade, e não só a inteligência, a que interpreta e que lê. Viver é interpretar, dar um sentido ao mundo e atuar em função deste sentido. Quando um livro expressa em uma linguagem inédita experiências muito pouco comuns, ou radicalmente novas, e um tipo vital fora do comum, quase ninguém poderá lê-lo. O que acontece é que essa impossibilidade vital da leitura produz uma espécie de “alucinação negativa generalizada” que funciona anulando o objeto inacessível e transformando o

surdo em um ser delirante que nega a existência de um ser real que não pode tolerar escutar.

Nietzsche sabe que não há um sentido próprio do texto mas apenas a apropriação da força do texto por outra força afim ou contrária. Deleuze diz isso com clareza: "nunca encontraremos o sentido de algo se não sabemos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que se apodera dela ou que se expressa nela".¹ Quanto mais intempestivo é um livro, menos possibilidades tem ele de encontrar ouvidos capazes de escutar seu sentido inaudito. O livro termina apropriado pelas forças dominantes existentes e, portanto, privado de sua novidade radical.

A escrita de Nietzsche está dirigida contra a ilusão de que um livro exige um estilo transparente, eficazmente comunicativo, uma personalidade única que controle seu sentido, e uma verdade transmitida que seria seu conteúdo. O estilo é uma forma múltipla para a expressão do inexpressável, uma música, um gesto, um punho, um martelo; a personalidade é um sistema hierarquizado de forças. A verdade não é outra coisa senão uma invenção que esqueceu que o é.

O mundo está cheio de livros-pregadores que buscam demonstrar verdades, impor crenças, dizer às pessoas qual o caminho que devem seguir. São livros que, pretendendo dizer a verdade, enganam o leitor. E o engano consiste em que, aparentando dar algo - a verdade da qual são portadores - o que fazem é tomar algo: o próprio espírito do leitor que convertem em devoto. Aos livros-pregadores correspondem leitores-crentes. São leitores que buscam nos livros algum tipo de verdade e que, quando acreditam tê-la encontrado, permanecem ligados a eles. Mas os leitores que Nietzsche pede não devem buscar a verdade, mas buscar-se a si mesmos.

A tarefa de formar um leitor é multiplicar suas perspectivas, abrir seus ouvidos, apurar seu olfato, educar seu gosto, sensibilizar seu tato, dar-lhe tempo, formar um caráter livre e intrépido... e fazer da leitura uma aventura. O essencial não é ter um método para ler bem, mas saber ler, isto é: saber rir, saber dançar e saber jogar, saber interiorizar-se jovialmente por territórios inexplorados, saber produzir sentidos novos e múltiplos. A única coisa que pode fazer um mestre de leitura é mostrar que a leitura é uma arte livre e infinita que requer inocência, sensibilidade, coragem e um pouco de maldade.

Todos os livros ainda estão para serem lidos e suas leituras possíveis são múltiplas e infinitas; o mundo está para ser lido de outras formas; nós mesmos ainda não fomos lidos.

Nietzsche, F. *Ecce Homo*.

Deleuze, G. *Nietzsche e a filosofia*.